

08 JUN 1990

FÓRUM

# *Economia Brasil* Resultados do plano são insuficientes para encorajar negócios

por Fernando Canzian  
de São Paulo



GAZETA MERCANTIL

Mesmo após as mudanças estruturais no sentido de estabilização, liberalização e privatização da economia brasileira introduzidas pelo Plano Collor, o Brasil ainda não chegou a se configurar como um alvo promissor para investimentos de empresas estrangeiras. Cerca de 150 empresários dirigentes de empresas multinacionais, muitas delas com operações no Brasil, consideraram ontem durante uma reunião em São Paulo do World Economic Forum que os primeiros resultados do programa de estabilização brasileiro são bastante positivos, porém insuficientes para encorajá-los a iniciar ou ampliar seus negócios no País.

"Existe otimismo quanto ao Brasil, mas existe também a necessidade de um horizonte de longo prazo. É muito difícil convencer esses empresários de que o Brasil seria hoje uma boa oportunidade de investimentos", disse um dos três coordenadores desta reunião com os 150 empresários, José Francisco Araújo Lima, presidente do Clube dos Empresários do Brasil em Portugal.

A estrutura da tributação brasileira, regras do Banco Central quanto ao lastro para investimentos e remessas de lucros e dividendos, além da incerteza quanto à estabilização econômica em prazos mais longos, segundo Lima, são os principais fatores que desestimulam esses potenciais investidores.

"Os interesses destas empresas estão muito mais voltados agora para os países asiáticos e do Leste europeu do que no Brasil. Os investimentos desses empresários no Brasil deverão se limitar somente à aplicação dos lucros gerados no País, principalmente porque existem problemas para que remetam seu capital ao exterior", disse.

O presidente da Shell do Brasil, Robert Broughton, por exemplo, disse que a empresa está investindo US\$ 500 milhões no Brasil no ano passado e neste ano apenas com recursos gerados internamente. "Novos investimentos, com dinheiro da matriz, serão muito pequenos", diz. "A realidade é que o Brasil compete com outros países como captador de investimentos e tem de analisar as vantagens que eles oferecem. Seus concorrentes, como o Leste europeu, países asiáticos e até mesmo outros países da América Latina, têm melhores vantagens. Aqui, a taxa sobre os lucros é excessiva e o tratamento que se dá para a propriedade industrial é negativo", avalia Broughton.

"Serão difíceis novos investimentos no Brasil neste ano, e as empresas que já estão aqui se inibem pela falta de estabilidade", diz o presidente da Shell, para quem as medidas de bloqueio no Banco Central do envio de remessas financeiras ao exterior tomadas em conjunto com o Plano Collor repercutiram muito mal junto às empresas internacionais.

O presidente do World Economic Forum, Klaus Schwab, disse que o Brasil tem uma vantagem, a da consciência empresarial, sobre os países do Leste europeu, por exemplo, mas ainda estaria longe da consolidação da estabilização e dos processos de abertura, privatização e liberalização econômica. "Estes são os elementos-chave para atrair investimentos, e o Plano Collor, ao contrário dos outros planos, é o primeiro passo neste sentido. Mas, se neste momento existir um país que já está preparado, o que é fato, ele

Robert Broughton